



# A PAGINA

ASSIGNATURAS

SEMESTRE.....	5\$000
TRIMESTRE.....	2\$500
NUMERO AVULSO.....	\$200

ESCRITORIO E REDACÇÃO  
RUA ALTINO CORREIA N. 37

ANNO I

Florianopolis, 22 de Julho de 1900

N. 17

## A VIDA

### III

#### ESCOLA POSITIVA

No fim do ultimo seculo, Lavoisier e Laplace, provaram evidentemente te não haver duas chemicas, uma para os corpos brutos e outra para o vivos. Provaram, tambem, experimentalmente que a respiração e a producção do calor nos animaes, são méros phenomenos de combustão, inteiramente analogos aos produzidos na calcinação dos metaes.

Dado assim o impulso inicial, o qual consistiu em provar á luz da sciencia, que tudo se passa de modo contrario ao professado pelas escola espiritualistas de todos os tempos; a escola anatomica explica os phenomenos do estado, são, perfeito e o morbido, ao mesmo tempo que os progressos dos methodos phisicos e as brilhantes descobertas da chimica moderna, lançando uma viva luz sobre as funcções vitais, protestavam contra a separação e opposição radicaes que Bichat e os Vitalistas suppunhem existir entre os phenomenos organicos e os inorganicos da natureza. Assim, pois, acabamos de ver como a escola positiva veio se constituindo atravez o tempo, tendo-se conservado quas. que firme aos preceitos das antigas doutrinas que constituiram o seu solido e inabalavel alicerce até chegar a conceber com Blainville e A. Comte, a vida como o resultado da acção reciproca d'um organismo apropriado e um meio conveniente, e como inteiramente identica aos phenomenos chemicos, sem outra differença alem da de ser o phenomeno vital essencialmente intermittente, a passo que o chimico é instantaneo. De feito; a vida mantem-se por duas ordens de phenomenos diametralmente oppostos e n sua natureza: a combustão desassimiladora, que utiliza-se da materia viva dos orgãos em funcção e a synthese assimiladora que regenera os tecidos nos orgãos em repouso. E' esse perpetuo movimento nutritivo e intestino, alimentado n meio que o envolve, que caracteriza o ser vivo. *A vida é, portanto, o duplo movimento intestino, ao mesmo tempo geral e continuo, de composição, entre um organismo dado e um meio conveniente.*

TOBIAS COELHO

## CARIDOSA

*De alegria inundado o candido semblante,  
Commovida a tremer e a palpitar de medo,  
Suspende-se, a mãosinha abridon o verdejante  
Arbusto, a contemplar seu infantil segredo.*

*A mesma onda de luz que a banha neste instante,  
Desde os péritos nús ao loirejante enredo  
E matinal da côma, entre o ramal, cambiante,  
Vae acordar no ninho o implume passaredo.*

*Com sua graça austera a encantadora creança  
Envolta assim na longa e rubra camisola,  
Traz do Jesus-Meuino a imagem á lembrança.*

*E o divinal pudor com que reparte a esmola  
Entre receios, põe a mesma semelhança  
No prazer que a illumina e do medo a consola.*

CANDIDA FORTES

BALLADA ESTRANHA

..R.

Segredos de anjos, dôces cantares,  
Voses do Olympo, d'esses luares  
Que vêem do Azul;  
Vós que a doçura tendes tamanha  
Vinde escutar-me a ballada estranha  
De um bardo exul.

—Eu tive uns Sonhos, quaes cavalleiros,  
Sylphos ardentes, elmos guerreiros  
Fluctuando ao ar;  
Fendiam sombras, nimbos rasgavam,  
Tudo venciam, tudo passavam,  
No galopar.

Fortes e audazes iam p'ra os lonjes,  
Deixando aos montes capuz de monges  
Que o Hinverno cinge.  
—Attilas novos que os mundos correm,  
Não se lembravam que os Sonhos morrem  
Da vida á esphinge.

Tão temerarios, que nunca o mêdo  
Lançou-lhes garras n'um turvo enrêdo,  
Quando luctavam;  
Eis fôrça estranha vem pôl os fracos,  
Elles que outr'ora, guerreiros gracchos,  
Tudo affrontavam.

Quizeram guerras mover á uns astros,  
Quando, vencidos, foram de rastros,  
A' estranha voz.  
Do que tiveram de orgulho outr'ora  
Já nada resta, pois tarde agora  
Se encontram sós.

E assim finando no isolamento,  
Suppõem ainda que o julgamento  
Tenha commuta.  
Coitados d'elles, d'esses bastardos,  
Que outr'ora activos, hoje são tardos  
Fugindo a luta!

Mas... a Ballada  
Findou-se assim,  
Que o bardo exul já com a vóz cortada  
Nunca me pôde contar-lhe o fim.

GONÇALVES FERRO

TRAÇOS A LAPIS

XII

*Zorze, o que você queres tomar? E o sr doctor?*

Assim o nosso homem n'uma verdade a roda viva é todo attensões e sollicitudes para com os seus innumerables eguezes. Emquanto que o Thomaz, um maravilhoso authomato commercial, sobraçando diversas garrafas n'uma azafama, ás pressas, vae distribuindo lanternas aos frequentadores da casa, em grupos pelas mesas de marmore branco, victimas serenas dos murros e cotovelladas dos *habitués*, elle, o nosso heróe, de braços curvos para os lados, simulando um pato, mas um pato de fracque e chappellino de forma indefinida, lá vem todo sorrisos e attensões, fazer parte de um dos grupos. Mas, quando no melhor da festa, parece interessar-se pela eloquencia do Bibi, eis que lá de uma outra sala, debaixo de uma especie de caramanchão uma voz reclama-o: — *Garofa!*

Prompto e rapido como um electrico lá vae elle attender ao appello

E não se pense que se limita tão somente as lides commerciaes, porquanto tambem se interessa pelos progressos da terra. Arrojado como os seus antigos patricios, elle foi o primeiro que dotou esta boa terra com um estabelecimento do genero do que possui, arrostando com os mãos presagios dos temerosos.

De como foi feliz e sahio-se bem, ahi está a attestal-o a concurrencia ininterrupta de seo estabelecimento, onde encontra-se desde as sumidades politicas e commerciaes, até a roda bohemia dos litteratos, todos em busca de refrigerios.

Mas o que ha n'elle de colossal, unico, pyramidal, na phrase de Oscarroças, é aquelle fracque, *croisé*, sobretudo, ou cousa que o imita, que elle enverga aos domingos e nos dias de solemnidades, obrigados a foguetes e a discursos do Manéca e do Zorze.

— *Senhor Fero, que é que o Sr. queres tomar? E você Abilito?*

FABER JUNIOR

## D. JOÃO D'AMOR

Nas folhas curvas dos palmeirae  
gemem os ventos—um violão.  
Quem acompanha entre madrigaes  
os ventos tristes em horas taes?

—D. João.

E os olhos vagos de d. João  
são duas fontes lacrimaes...

Lá vae passando uma procissão...  
Que rica festa! e o par é tão lindo!  
Como são bellos os esponsaes...  
Que dama é aquella que vae sorrindo,  
mas verga o torso como um chorão?  
—E' d. Rosa que nunca mais  
será — mais nunca! rosa em botão.

E os olhos vagos de d. Rosa  
serão de noiva... nunca de esposa...

Quem lhe roubára o coração?

D. João.

Lá segue a noiva de braço dado,  
toda de nevê, nivea camelia.  
Vae d. Rosa para o noivado...  
Ah d. Rosa naquelle estado!  
Tão morta e branca... dolente Ophelia!

A' vossa noiva, meo senhor,  
falta o seo d. João d'Amor.

Flores e nardos por toda a egreja.  
Pelo altar-mór gente curiosa.  
Noivos que sobem. Arde o thuribulo.  
Rivaes donzellas morrem de inveja...  
—Que inveja é aquella de d. Rosa  
que vae subindo para o patibulo?

Lá fóra vibram de d. João  
as cordas todas do coração.  
Gemem salgueir s—um violão.

Sae o noivado. Entra um enterro.  
*Sim... não! sim... não!*

—E' o que se vê:

A morte e a vida, o bem e o erro!  
A eterna duvida de Hamlet!

Cantam os sinos.

Quem vae naquelle sidereo ninho  
com véo de noiva para o céu?

—Um anjinho.

*Vão dois noivados para dois destinos!*

—Antes trocasses, noiva, o teo caminho...

—Antes trocasses o teo véo...

DOMINGOS NASCIMENTO

## SILHUETAS

Mlle. M. S.

Elegante, e sobretudo favorecida da plastica, a senhorita em questão tem tudo a seu favor.

Mocidade, belleza e frescura de primaveras n'um esfolhar de rosas sorrisos, nada lhe falta.

Tudo parece protegê-la, dependendo sua omnipotência unicamente da habilidade de seo *savoir-faire*.

A correção de seus traços phisíomicos expõe-se naturalmente, e independe dos artificios da moda pagã.

Parece possuir um temperamento romantico, embora nunca se houvesse perdido na leitura das phantasias de Ohnet e Terrail.

Sabe amar, ou pelo menos procura aprendê-lo, o que já é uma virtude inestimavel n'este fim de seculo de innovações.

Veste-se caprichosamente, e do que lhe possa faltar em elegancia de toilettes, só é responsavel a thesoura femenina de Florianopolis.

—Entre parenthesis, não vae n'isso uma accusação.

—Sem ser oriunda nem tam pouco criada nos bosques, parece comtudo que muito a impressiona a contemplação, de seo elegante *chateau*, á *ramagem* na silva, ou d'ahi quem sabe, a *silva* em *ramagem*.

Deve dançar bem; digo-o assim porque nunca a vi nas homenagens Terpsichore, mas creio que assim deve ser, attento a flexibilidade de seo talle esbelto e gracioso.

Si scubesse, entretanto, o quanto lhe fica bem u na toilette lilás com péo de primavera e algum tanto florido, envolvendo-lhe o rosto ideal e scimador uma gase finissima de azul, em forma de véo de noivado, ah, quão grandes então seriam os seus triumphos!

Mas... *hony solí qui mal y pense!*...

Aprecio-a mais na parte poetica, quando contempla a *ramagem* da silva do alto de seo *chateau*.

CELIO

NOTAS

Romario Martins, um precioso, metteo-me nas mãos, ha 3 dias, dois riquissimos livrinhos patrioticos, de sua lavra.

Os senrs. se recordam do Romario? aquelle que ha pouco mais de um anno andou aqui flanando, vindo de Coritiba em companhia do impeccavel Sebastião Paraná...

Elle aqui esteve durante uma lua, apenas, e si não fosse a gravidade archi-austera do companheiro, era muito capaz de ainda aqui estar, tanto gostou das almas catharinenses... e do Garofallis, *Chât-Noir* da nossa bohemia.

A roda, que o festejou como *causeur* excellente,—elle muito esguio, muito fleugmatico, rendigote até os joelhos, chapéo alto lustroso, novinho em pello, equilibrado ao zimbório intellectual, carinha de menino bonito, magrito e alto como um bambú,—a roda, dizia eu, é ainda a mesma, e toda a vez que ali se fala no successo dos dois sympathicos *touristes*, vêm á baila episodios adoraveis durante a estada delles por estas plagas, e que vieram enriquecer a palestra bohemia.

Pois, meos senhores, o Romario que era já por aquelle tempo um excellente jornalista, é agora um escriptor fecundo. No interregno de um anno e meio apenas, illustrou a historia litteraria contemporanea com 7 trabalhos de inestimavel valor; a saber: *Ruinás, Combate do Cormorant, Almauch do Paraná (2), Historia do Paraná, Psychologia da Placa e O Paraná antigo e moderno.*

Estes livros reunidos dão um contingente de 800 paginas para a nossa litteratura.

O seo companheiro, dr. Sebastião, está por sua vez empenhado n'uma obra de geographia, de grande folego.

Já vêem os meos concidadãos que não me enganei quando ao apresental-os á mocidade catharinense, disse-lhes que recebiam a visita de dois moços de raro talento e grande applicação, e que no visinho Estado faziam prodigios de valor... intellectual.

Brevemente, em conversa menos fiada e em notas menos falsificadas, direi francamente a impressão sobre os ultimos trabalhos que me vieram ás mãos, pelo ultimo correio; por hoje, apenas um aperto de mão fraterno... e o meo já tradicional *compromisso* de dizer sobre coisas de arte... para as calendas gregas talvez...

...Se Deus me ajudar, porque á esta hora já o meo dedicado amigo, o illustre facultativo que me ausculta todos os dias, ha de ter ficado convencido de uma vez para sempre, que sou effectivamente um enfermo rebelde e que as suas judiciosas prescripções para que eu não abuse da leitura e escripta... são conselhos de santo para demonio.

De facto, eu tenho tido impetos de queimar pela terceira vez a bagagem litteraria, entregar ao José dos Papeis a minha penna e o tinteiro, e declarar em publico... que vou recolher-me á privada...; mas que querem? Rabiscar é um vicio que me persegue ha um rôr d'annos; deixar o coração librar-se no berço de uma penna é vicio que a gente agarra, e quando quer deixal-o, a alma se confrange e mirra tanto.. como se fosse o estomago de um bebado a quem retiraram a milagrosa canninha.

Entretanto, declaro que de hoje p'ra traz não escrevo mais.

Onde está o x dos boers?

—Nos boxers.

Entre dois velhos meio surdos:

—E que me diz você da China, hein?

—Magnifica, um pancadão...

—Pancada velha nos internacionaes, que tal?

—Nada posso dizer; já não interno...

Porque o soldado europeu não quer deixar a China?

—Naturalmente por causa do rabicho.

Dizia hontem o A. de O., á porta do Registro civil:

—Os chins estão depennando os brancos, lá na Asia; imagine-se o aperto dos brancos cá da terra si lá fossem...

Esta terra é exquisita: ou muito ou nada. Passámos a metade do anno sem uma companhia siquer, que viesse espancar a monotonia da nossa vida calma e despida dos arruoidos das grandes cidades.

Hoje, porém, já o caso muda de figura: e nada menos que duas excellentes *troupes*, cada uma em seo genero, acabam de aportar á estas plagas, ao mesmo tempo.

Uma grande companhia de circo e outra de magicos e illusionistas.

Vão os *habitués* se deleitar a grande: é o arame, é o trapezio, é o cavallo amestrado, é o artista equestre, é o saltador magnifico, é o palhaço, e a pantomima, é o jogo malabaresco, icareo, etc.

Por outro lado, é a magia branca, a magia negra, as s rtes de cartas, os passes embasbacantes, o diabo em figura de gente a fazer piquetas, a espantar a multidão com as suas artimanhas.

Que regalão!

Vamos, pois, ter uma bella temporada de diversões nesta terra pacatissima, por excellencia, e não muito apatacada.

Entretanto, para a alegria sempre ha dinheiro; e hão de vér o successo que terá o bom Paulo Serino, mais o illusionista cujo nome não me vem agora á cadeca.

Tambem não altera, pois de illusões vamos todos arrastando este valle de... notas falsas.